

DA FALA EGOCÊNTRICA COMO FENÔMENO ARGUMENTATIVO: PISTAS PARA UMA CLÍNICA VIGOTSKIANA

Eixo 2 – Psicoterapia

Jameson Thiago Farias Silva; UFS/SE; jamesontfsilva@gmail.com

INTRODUÇÃO

A *linguagem*, para Lev Vigotski (2011), será um *instrumento de pensamento*, do mesmo modo que os dedos da mão são instrumentos matemáticos quando uma criança se defronta com uma questão aritmética que não é capaz de dar conta imediatamente; usa os dedos para somar sete e dois, por exemplo; quando a soma aritmética excede a quantidade de dedos que possui, a criança, para resolver a equação, precisa dos dedos de um colega, usar os dedos de seus pés, criar um sistema de contagens usando objetos, dentre outras possibilidades de ação. O adulto que interroga a tela de projeção durante os momentos duvidosos do filme, grita com a TV durante uma partida esportiva, faz rabiscos e grafismos pouco legíveis durante uma aula complexa e amarra um cordão colorido em seu indicador para lembrar de tirar as roupas do varal também ilustrariam esta relação entre signo e consciência, para o autor.

Nos termos de Volóchinov (2017), Ducrot (1987), Plantin (2008) e Meyer (1998), a presente comunicação oral propõe uma descrição do fenômeno da fala egocêntrica como uma conversação assimétrica, argumentativa e problematológica que teria como proponente e oponente o mesmo locutor empírico. A premissa diretriz aqui é a de que o pensamento, assim como a enunciação, é uma atividade dialógica; ao estender as noções de polifonia e de intertextualidade - caras ao campo da literatura pós-Bakhtin e às teorias da enunciação - à fala egocêntrica, é possível sustentar que não apenas a enunciação é polifônica, mas o é também a própria atividade psicológica implicada no ato de fala - não mais uma entidade mental unitária, mas pluralidade discursiva. Na esteira desta discussão e das teses defectológicas de Vigotski, intentamos plantear o espaço clínico psicológico, o setting terapêutico, como um espaço comunicacional, decerto, mas *a fortiori* como um espaço de agenciamento da fala egocêntrica; logo, a função do terapeuta não seria de escuta do discurso do analisando, não seria a de encarnar um papel actancial pré-determinado, mas de corte da comunicação; seria sua função primária não ser um tu, um alocutário, não o “acolhimento do eu do outro”, mas explicitar para este outro, com este outro, os muitos enunciadores, os muitos eus, que compõem dialogicamente o (problema tematizado pelo) sujeito clínico.

METODOLOGIA

A nossa tese de doutoramento em andamento tomará como fonte primária de análise alguns fragmentos de casos clínicos, e questionará se há elementos de polifonia no discurso do analisando ou, em termos operacionais, se é possível analisar tal discurso como um fenômeno dialógico e mesmo argumentativo. Se para Vigotski pensar é falar consigo mesmo com um objetivo dado, é traduzir um problema “do plano das ações para o plano verbal à medida que aprendemos a adaptarmo-nos” (2011, p. 866), o que seria fazer pensar? A partir destas questões operacionais e das análises conceituais que lhes são prévias intuímos algumas pistas tanto para uma concepção muito específica de clínica histórico-cultural quanto para a postura de preposições e modalidades de intervenção a partir desta concepção. É esta análise conceitual e estas pistas que intentamos compartilhar nesta comunicação.

A análise conceitual toma como método o materialismo histórico - mais especificamente, uma atitude materialista diante do corpus de análise: as teses defectológicas de Vigotski (cf. 2011, 2012a, 2012b e 2012c), assim como textos vigotskianos que tratam da gênese e estrutura da conduta conceitual (cf. 2010, 2012d). O *corpus*, seguindo as diretrizes formalistas de Vigotski em seu *Psicologia da Arte* (1999), foi tomado não por um viés intelectualista, não apenas como expressão de uma ideia, um conteúdo, mas através da interrelação forma-conteúdo, do modo pelo qual a forma do texto expressa, intencionalmente, um pensamento: a formulação explícita do problema, o diálogo com a tradição de psicólogos e linguistas de sua época, o encadeamento narrativo dos argumentos, as questões operacionais que articulam as partes do texto etc.

DESENVOLVIMENTO

Vigotski demonstra a instrumentalidade da linguagem através do confronto com o conceito piagetiano de *fala egocêntrica*. Jean Piaget (1993) observa nas crianças engajadas em atividades o curioso fenômeno delas narrarem e descreverem o que estão a fazer, e isto sem função comunicativa alguma. Ao brincar, por exemplo, a criança fala o que faz o tempo todo para ela mesma, fala o que faz sem se dirigir a ninguém em específico. A experimentação piagetiana e sua conclusão são estruturalistas: expõe crianças de idades variadas a uma série de atividades lúdicas – como ‘desenhar um coelho de orelhas vermelhas’ – e, sem intervenção alguma na atividade da criança, Piaget observou esse incessante falatório infantil de si e para

si, qualificando-o como sintoma da modalidade de pensamento da criança, o egocentrismo. Na fala solitária da criança, Piaget vê um indício incontestável da mentalidade egocêntrica infantil, tanto que, nota, o índice dessa fala egocêntrica tende a cair na medida do envelhecimento do grupo de crianças observado, e praticamente desaparece após os 12 anos. Se a criança fala sozinha, é porque a estrutura de sua mentalidade assim a condiciona; se emite a fala egocêntrica, é porque, oras, é egocêntrica. Vigotski recusará não só a conclusão piagetiana mas as premissas de suas observações; recusará o psicologismo e fará uma *análise da necessidade* da fala egocêntrica na criança, tentando encontrar não a mentalidade do organismo que emite a fala egocêntrica, mas a função desta fala para o organismo que a emite.

De início, replica os experimentos e observações de Piaget e encontra os mesmos dados: há necessariamente fala egocêntrica nas atividades infantis, que tende a diminuir exponencialmente com a idade das crianças estudadas; quanto mais velhas são as crianças, menor é o índice de fala egocêntrica por elas emitida. Vigotski sugere uma variação das atividades em que as crianças estão entretidas, adicionando a elas problemas – ‘desenhar um coelho de orelhas vermelhas’, sim, mas são excluídos do cenário todos os lápis de cor vermelhos – e identifica duas coisas: o índice de fala egocêntrica emitida praticamente dobra, e a fala egocêntrica assume uma função clara, a de “planejar o comportamento” da criança (2011, p. 864). ‘Sumiu o lápis vermelho’, ‘Devo ir atrás de um lápis de outra cor?’, ‘Vou deixar o coelho sem orelhas’, ‘Se eu molhar o lápis azul na água, ele deve ficar como vermelho’... De simples descrição do que a criança está a fazer, a fala traduz o problema em que a criança se encontra do plano das ações para o plano verbal, à medida em que a criança vai aprendendo a se adaptar aos obstáculos colocados à sua ação direta e deles toma consciência. A fala egocêntrica é, para Vigotski, o modo como a criança, enfim, pensa.

As apropriações linguísticas do conceito vigotskiano de fala egocêntrica costumam abordar do fenômeno o seu não-endereçamento a um interlocutor, o caráter regulador da ação que o acompanha e sua tendência à abreviação, além da linearidade fala socializada-linguagem interior (cf. por exemplo MORATO, 2000, e JUNEFEELT, 2007), o que leva tais análises a definir o fenômeno não só como monologal, mas como monológico, e a opor a comunicação e a subjetivação operadas pelos atos discursivos como funções distintas e isoladas. Investigar a possibilidade de uma análise do fenômeno utilizando instrumentos das teorias do discurso, da análise da argumentação e da problematologia é a estratégia concebida para atacar esta leitura monológica do conceito.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Uma clínica histórico-culturalista: que concepção de espaço clínico mobiliza? Implica *necessariamente* a dissolução de modalidades clínicas mais tradicionais, bipessoais, em nome de análises e intervenções ampliadas, sociológicas? A crítica ao psicologismo ingênuo característica dos materialismos - aí incluso o materialismo histórico - fará a análise clínica pender *necessariamente* para um sociologismo? Segue:

- a. **proposição i:** o setting terapêutico vigotskiano deve ser entendido como um espaço privilegiado para a mobilização da fala egocêntrica por parte do clinicando; segue-se que
- b. **proposição ii:** o setting é, por parte do analista, um espaço de recusa da comunicação; e
- c. **proposição iii:** o objeto primário de análise e intervenção do analista é a fala, o discurso do clinicando;
- d. para o analista, **intervir** = evidenciar, para o clinicando, os muitos enunciadores que compõem o seu discurso, e de que maneira ele a eles se vincula;
- e. para o analista, **intervir ii** = apontar termos vagos (*sincréticos*) na expressão do clinicando de seu problema e, a partir da cadeia predicativa montada por seu discurso (*cf.* 2013), instigar a criação de novos modos de expressão do problema (*conceito científico*); por fim,
- f. para o analista, **intervir iii** = abandonar as categorias gerais através das quais o clinicando expressa seu problema - ansiedade, depressão, pânico são categorias práticas, "espontâneas", são sistemas funcionais, mas não necessariamente *conceitos* nos termos vigotskianos (*cf.* 2010, 2012d); abandonar as noções espontâneas para, com o analisando, forjar termos adequados à dinâmica concreta do problema apresentado.

Tais proposições e marcadores de intervenção sustentam a importância de atitudes clínicas não medicalizantes, além de apostar no espriamento das discussões vigotskianas a um campo de problemas que não é originalmente o seu - deslocando seus conceitos, fazendo seus conceitos vibrarem, atualizando-os; por fim, a presente comunicação aponta para a necessidade de trabalhos clínicos que desenvolvam teórica e metodologicamente tal noção de clínica histórico-culturalista, uma clínica não psicologista mas que, ao mesmo tempo, não penda para um sociologismo mecanicista e abstrato.

Palavras-chave: Clínica. Fala egocêntrica. Vigotski.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. In DUCROT, O. O Dizer e o Dito. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas : Pontes, 1987.



JUNEFELT, K. **Rethinking Egocentric Speech: Towards a New Hypothesis**. UK : Nova Science Publishers, 2007.

MEYER, M. **A que responde o uso da linguagem?** In MEYER, M. Questões de retórica: linguagem, razão e sedução. Trad. António Hall. Edições 70 : Lisboa, 1998. p. 81-104.

MORATO, E. **Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotski sobre a "função reguladora da linguagem" e algumas implicações linguístico-cognitivas para a neurolinguística**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1991.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos. 4.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo : Parábola Editora, 2008.

VIGOTSKI, L. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Trad. Denise R. Sales, Marta K de Oliveira, Priscila N. Marques. In **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, 2011. p. 861-870.

_____. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. Editora Martins Fontes : São Paulo, 1999.

_____. Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. In VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas - tomo v**. Trad. Julio Guillermo Blank. Madrid : Machado Grupo de Distribución, 2012a, p. 11-40.

_____. El defecto y la compensación. In VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas - tomo v**. Trad. Julio Guillermo Blank. Madrid : Machado Grupo de Distribución, 2012b, pp. 41-58.

_____. La colectividad como factor de desarrollo del niño deficiente. In VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas - tomo v**. Trad. Julio Guillermo Blank. Madrid : Machado Grupo de Distribución, 2012c, p. 213-234.

_____. Pensamiento y lenguaje. In VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas - tomo ii**. Trad. José María Bravo. Machado Nuevo : Madrid, 2012d.

_____. El problema de la consciencia. In VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas - tomo i**. Trad. José María Bravo. Madrid : Machado Grupo de Distribución, 2013, p. 119-132.

_____. Desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na idade escolar. In VIGOTSKI, L. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo - Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo : Editora 34, 2017.